



AVENÇADO

Redacção, Administração e Composição—Rua Barjona de Freitas, n.º 26—26 Tel. 8310—Barcelos

SEMANARIO REGIONALISTA POR PORTUGAL! — POR BARCELOS!

Impressão—Companhia Editora do Minho Rua D. António Barroso—BARCELOS

Trimestre, 10\$—Semestre, 20\$—Ano 35\$
 ASSINA- Estrangeiro (excepto o Brasil) 60\$
 TURAS: Africa e Açores 40\$
 (Pagamento adiantado)

Adm., Prop. e Director: Rogerio Calás de Carvalho
 Editor: José Lucindo Cardoso de Carvalho

Numero avulso—1 escudo
 Os Sars. Assinantes gosam o desconto de 20 %
 ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

SABADO, 26 DE MARÇO DE 1955

AMENDOAS | DAS MAIS FINAS QUALIDADES E PARA OS MELHORES PREÇOS. RECEBEU GRANDE SORTIDO A CAPEZARIA DE BARCELOS

QUADRAS

«Quem canta seu mal espanta!...»
 Por estranha contradição,
 A's vezes na voz que canta
 Está chorando o coração!
 Sim, «recordar é viver»,
 E a saudade do passado
 Cinza que está inda a arder
 Num lume mal apagado...
 Cantar das árias amenas,
 Rouxinol, alado amigo,
 Tem pena das minhas penas
 Leva-as voando contigo.
 Foste sempre, ó minha Mãe,
 —Diz minha alma, como vida—
 Das santas que a vida tem,
 A santa da minha vida!

Maria d'Almoster

A-PROPOSITO DE UMA VISITA

Pelo Dr. M. da Costa

Agora que já está terminada, é possível fazer-se o balanço certo e oportuno da viagem do Sr. Ministro da Economia á Alemanha Ocidental, e verificar os resultados com que já é lícito contar da visita do Sr. Dr. Ulisses Cortez áquele País.
 Para tanto podemos servir-nos das próprias declarações daquele membro do Governo.
 Depois de salientar o ambiente de hospitalidade e de simpatia por Portugal que encontrou na Alemanha Ocidental o Sr. Ministro da Economia acentuou: «Registei a disposição do Governo alemão de facilitar a aquisição de equipamento no quadro de acordos privados entre empresas e ainda a especialização de técnicos portugueses na Alemanha. Mas como é natural uma das minhas preocupações foi a de promover um nível acrescido de exportações para a Alemanha, sobretudo de vinhos, frutas, conservas de peixe e resinosos.
 «A Alemanha que atravessa, presentemente uma fase de prosperidade economica e de elevado poder de compra pode vir a constituir um vasto mercado para aqueles productos. Foram ainda considerados outros problemas que dificultam a expansão das exportações de vinhos e a necessidade de uma mais intensa propaganda destes productos na Alemanha.
 E o Sr. Dr. Ulisses Cortez acrescentou:
 «Nas conversas havidas, sem se tomarem igualmente posições, foi assegurado que se iniciariam imediatamente estudos pelas autoridades competentes com o fim de procurar dar satisfação aos pontos de vista portugueses.
 A maior parte, porem, dos dias que passei na Alemanha foram ocupados por visitas a unidades industriais.
 Como se vê é facil advinhar, repetimos os melhores e mais promenores resultados da visita do Sr. Ministro da Economia á Alemanha Ocidental e, consequentemente um maior aumento da exportação de alguns dos nossos principais productos para aquele país.
 Ao mesmo tempo, na hora em que tanto se procura, e legitimamente, valorizar ao maximo a posição economica do Ocidente, porque essa valorização será, sem sombra de duvida, um grande e valioso elemento de Paz, Portugal demonstrou mais uma vez, e de maneira bem expressiva, o que é e vale o seu espirito de colaboração com todas as nações occidentais.

Secção Quinzenal

...DE MULHER PARA MULHER...

Ano I

N.º 2

A MULHER E O CASAMENTO

UM dos problemas mais sérios da vida da mulher é, incontestavelmente, o do casamento. Este passo que, por vezes, se leva a efeito de uma maneira tão precipitada, tanto por ser a chave de uma vida feliz e digna, duradouramente aquecida e iluminada por uma auréola de afectos e entendimentos mútuos, como a de um profundo abismo onde, dia a dia, hora a hora, se vão lançando as mais justas e grandiosas aspirações que um cérebro e coração humanos possam haver concebido.
 Infelizmente poucos são os jovens, de ambos os sexos, que peesam a sério na importância do acto que se propõem realizar, devido a vários factores que urge atenuar—ou abolir se tanto for possível—para uma mais eficaz consolidação da família e, consequentemente, da felicidade humana.
 Muitas vezes são os próprios pais—embora na melhor das intenções—que, numa deficiente ou, mesmo nula, compreensão das realidades da vida, proporcionam, áqueles que tanto querem, a infelicidade de uma existência inteira.
 São quase sempre as raparigas as principais vitimas desses casamentos feitos por conveniências de família, onde, as mais das vezes, operam raciocínios frios e pouco esclarecidos, que apenas têm em mira a parte material, esquecendo-se de que esta, por si só, é insufficiente; de que sem uma verdadeira atracção física e psíquica, sem uma profunda afinidade de almas, jamais será possível conseguir a mais pequena parcela de felicidade para a vida dos cônjuges, ainda que sejam possuidores de somas fabulosas.
 A mulher, pelo seu temperamento delicado e afectivo, e pelas condições morais, civis e sociais por que somos regidos, é a que mais sofre com uniões precipitadas e incompatíveis com a sua forma de ser.
 Ela é a primeira vitima desse cataclismo familiar, e o seu mal estar percutir-se-á sobre todos que a rodeiam. Dele se há-de sentir o futuro dos filhos e, consequentemente, o das sucessivas gerações. Formar-se-á uma cadeia de infelicidades continuas e colectivas que arrastará a pobre humanidade para um caudal impetuoso de desgraças.
 Desde que a Mãe de família, a dona do lar, não encontre no marido—ou vice-versa—aquela dose de amparo e carinho a que ela sabe ter direito, desde que reconheça que a sua abnegada dedicação não é compreendida nem correspondida, surgirá, a par do desgosto profundo que este facto—infelizmente tão generalizado—ocasiona, o tédio, o desprendimento, a falta de interesse pelo que a rodeia, a neurastenia, e, após tudo isto, como consequência inevitável, a falta do cumprimento dos seus deveres mais sagrados.
 Pode haver excepções, existir espiritos superiores capazes de vencer, mesmo renunciando, mas estes, são casos raros, são deslumbrantes meteoros que, uma vez por outra, pairam no firmamento da Humanidade, para nos mostrar que dentro da frágil espécie humana existe qualquer coisa de sublime e transcendente, que só os eleitos conseguem atingir.
 Não podemos, portanto, apontar esses raros exemplos como capazes de poder ser imitados pela maioria. Capacitemo-nos de que para haver paz e relativa felicidade num lar é preciso que exista um verdadeiro círculo de afectos mútuos e de inteligentes compreensões. E não é depois do casamento efectuado—como alguns julgam, erradamente—que esse círculo se há-de fechar.
 E' preciso que antes de realizar esse passo tão sério, exista já uma conciliação de almas, uma verdadeira afinidade de sentimentos, de inteligência e de educação. Sem essa base primordial, tudo ruirá dentro de bem pouco tempo.
 Se quizermos consolidar a existência da família, há necessidade de preparar, inteligentemente, os jovens da actualidade. Não os iludamos nem sejamos precipitados nos nossos conselhos. Mostremos-lhes, claramente, a tortura de certas uniões levadas a efeito leviãmente, por determinadas conveniências ou por enganosas e efémeras atracções físicas.
 Não tenhamos pejo, nem receio de errar, ao dizer-lhes que não deve haver maior tortura do que o divórcio de duas almas, forçadas, por conveniências ou preconceitos, a viver juntas durante uma existência inteira.
 Se o divórcio legal, de pessoas e bens, traz, quase sempre, á família e á sociedade, um sem numero de males, o divórcio íntimo de duas pessoas que coabitam no mesmo lar, ocasiona, também, consequências de profunda gravidade.
 A época presente é caracterizada por uma pernicioso falta de concentração interior. Urge habituar a mocidade a olhar para dentro de si mesma, a pôr em acção a sua inteligência, a ponderar os seus actos, a cercar os seus desejos e fantasiosas aspirações.
 Não nos esqueçamos de que a missão primordial da hora que passa está nas mãos dos pais e educadores.

Sou como tu, oh! Mar...

*Oh! Mar! sou como tu, insaciável...
 Minhas ânsias, meus ais, meu suspirar,
 Semelham tuas ondas a rolar
 Em contínuo lamento, insuperável!*

*A minha alma é um enigma indecifrável...
 Deseja o que jamais pode alcançar;
 Vive um sonho altaneiro, singular,
 E sofre porque o sente irrealizável.*

*Tu vês a Terra bela e vicejante,
 Com seus cravos e rosas, palpitante...
 E não podes cingi-la nos teus braços.*

*Eu vislumbro o Infinito e a Perfeição,
 Vejo tudo o que anseia o coração,
 E bem sinto a impotência dos meus passos!*

MARIA IRENE FARIA DO VALLE

Chegou a Primavera

*O Sol, oiro a luzir, resplandecente,
 Num Céu cor de safira, opalizada,
 Imprime um ígneo beijo á Terra amada
 Que o recebe num êxtase fremente...*

*Sente-se palpitar o seio quente
 Da Terra, em santos beijos, fecundada...
 E toda a Natureza, em alvorada,
 Ergue hossanas a Deus Omnipotente.*

*Os verdes são mais frescos do que a Aurora...
 Zéjro rende preto á Deusa Flora...
 E as aves já começam a trinrar...*

*Oh! Sol! beija a minha alma com ardor!...
 Quero também sentir esse calor
 Todo em brasas no peito a creptitar...*

SÚPLICAS DUM INOCENTE

(Continuação do ultimo número)

—A Mãe debilhada em lágrimas, aturdida por tão súbita desventura, era incapaz de articular palavra alguma, tal o efeito terrível que as últimas palavras do médico produziram no seu espírito. Teria mesmo caído desamparadamente no solo, se não fora a mão solícita duma das pessoas presentes, que evitara essa queda dolorosa e brutal. Perdera os sentidos...

A dor pungente que o seu Filho lhe proporcionara, e o receio ainda de perde-lo, cavaram na sua alma dolorida tão grande chaga, que lhe obscureceu por completo a razão e lhe inanimou a vida. Só ao cabo de muitas canseiras e de solícitos cuidados é que a razão desta Mãe tão rudemente ferida nos afectos maternos pôde reanimar-se. As suas primeiras palavras foram para o seu desventurado Filho.

—O meu Filho, onde está? Quero vê-lo, estreitá-lo nos meus braços, beijá-lo nos seus olhos amortecidos!
 Ceguinho... ceguinho o meu adorado Filho! Pobre inocentinho, como deve ter sofrido! Desditosa criança! Se morre o que será de mim?

Ah! meu Deus, não me leveis o meu Filho, que não posso viver sem ele! Se virdes que a sua existência não pode sobreviver aos efeitos nefastos da sífilis, matai-me também com ele. A vida sem a sedução deste Filho, que era todo o meu enlevo, e toda a minha felicidade transformar-se-ia para mim no calvário mais atroz. Antes a morte a semelhante sofrimento!... Matai-me ou levai-me para junto do meu Filho, quero estar perto dele para o encorajar no sofrimento, animá-lo na desesperança, para com a luz do meu amor poder substituir a luz dos seus lindos olhos, que jamais poderão ver-me. Pobre Filho, Como deve ter sofrido, e eu, sem poder valer-te!

Que infeliz sou...
 —Mãe, Mãe!
 —Que queres, Filho? Que desejas?

Estás melhorzinho?
 —Se soubesse, quanto soffro!!
 Repare como escaldam as minhas fontes... Doi-me a cabeça horrivelmente... mas eu queria ver-te! Tira-me esta venda que me puseram nos olhos que não me deixa ver-te querida Mãe. Tira-me a venda Mãe!

E, a Mãe, que sabia que a luz desses olhos tão queridos e tão amados se findara para sempre á luz do dia, irresoluta e aflitiva, não acertava com rapidez na resposta a dar-lhe.

Como ela soffria... Que dizer-lhe?! Estava absorta e vacillante na satisfação que podia dar ao pedido do filho querido, quando a presença do marido a veio retirar desse pesadello desconcertante.

António Joaquim, o autor irreflectido deste drama tão doloroso e tão cruel, aproxima-se mansamente das suas inocentes vitimas, e diz-lhes com soluços na voz e, com as lágrimas nos olhos:

—Como eu vos tenho feito sofrer!... Nem a morte que tudo extingue e dissipa será capaz de eli-inar os remorsos que a minha alma sente... Que infâmia a minha!
 O assassino rouba ou fere a

GRANDIOSAS FESTAS DAS CRUZES EM BARCELOS
 NOS DIAS 1, 2 E 3 DE MAIO DE 1955

